Maior rigor

Por **A. Domingues de Azevedo***

A forma drástica como algumas notícias nos chegam, com especial ênfase para as relacionadas com a evolução económica em alguns países da União Europeia, não são propícias a criarmos forças reactivas, mas também não podemos esconder-nos nos nossos medos e receios, como se vivêssemos uma fatalidade intransponível.

A forma como outras sociedades reagem aos momentos menos bons, deve constituir estímulo para, através da nossa criatividade, encontrarmos as saídas mais adequadas.

Os Técnicos Oficiais de Contas são parte integrante destes fenómenos que, em alguns casos, são agravados por particularidades específicas, nomeadamente na disputa de um mercado que, por efeito da crise, se vai tornando mais exíguo.

Sendo esta realidade indesmentível, também é verdade que a crise veio aportar uma nova realidade à profissão, exigindo dela maior rigor e, acima de tudo, um acompanhamento permanente às empresas e empresários, surgindo o Técnico Oficial de Contas como elemento fundamental para a consolidação económica.

Este apoio carece de um conhecimento profundo do quotidiano das empresas, o que obriga a um acentuado intercâmbio entre os profissionais e as entidades.

O conhecimento que temos de algumas situações não abonam muito em prol do rigor que se pretende introduzir na profissão, assistindo-se, por vezes, a ocorrências menos dignas, normalmente associadas à prática de honorários demasiado baixos.

Urge, pois, criar condições de igualdade profissional, possibilitando a introdução de alguma normalidade nesta matéria.

A primeira dessas preocupações já surgiu na recente alteração ao Estatuto, na medida em que se criaram condições de responsabilização pela comunicação das contabilidades pelas quais cada um é responsável. Por outro lado, ainda no corrente ano, entrará em vigor o sistema de pontuação máxima que pode ser atribuída a cada profissional.

Outro facto que julgamos importante é a tipificação das situações de manifesta falta de rigor detectada nas situações de controlo da qualidade, passando a penalizar com maior dureza aquelas que se consideram indispensáveis e fundamentais para a credibilidade da contabilidade.

É conhecida a triste história dos honorários mínimos na nossa profissão, e hoje, mais do que nunca, comprova-se que a Ordem, quando os indicou, estava consciente dessa necessidade.

É possível retirar, de imediato, uma lição: as avenças demasiado baixas andam sempre associadas à falta de rigor profissional no exercício da actividade.

Vamos encarar de frente este problema que revela já sintomas graves capazes de influir no futuro da própria profissão. Ninguém tenha dúvidas: será feito aquilo que for necessário, mesmo que isso custe a suspensão ou cancelamento de alguns membros.

De forma alguma é nossa intenção punir quem quer que seja. Mas os que persistirem na prática de actos que não são condicentes com a dignidade da profissão devem com muita seriedade repensar as suas acções. Seremos implacáveis na punição de quem não respeitar as regras. ⌘

*Bastonário da Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas